

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesa: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

Sobre o acto eleitoral

Dissemos em o último número de «A Velha Guarda» que todos os Republicanos têm o dever inadiável de proceder ao recenseamento eleitoral. Dissemos ainda — em notícia da última hora — que os Partidos Republicanos fizeram, com o Partido Socialista, a *Frente Unica* até ao restabelecimento da normalidade constitucional.

E disto não impede o compromisso de ir às urnas. Porque o facto depende da circunstância de o Governo nos proporcionar o mínimo de garantias indispensáveis ao exercício do direito de sufrágio.

Para já, importa que todos os Republicanos — partidários e extra-partidários — se recenseiem.

Os recenseamentos anteriores não têm valor actual. Todos os cidadãos têm de proceder a um novo recenseamento. E fazem-no dirigindo-se às regedorias ou sedes de Juntas de freguesia e Município, para serem respectivamente eleitores das Juntas de Paróquias e do restante: Câmaras Municipais e do Congresso.

Todo o cidadão deve ter presentes as instruções do edital publicado em o nosso número 322. Porém, se a dúvida subsiste sobre este ou aquêle aspecto da sua interpretação, devem os interessados ir ao Centro Republicano colher a desejada informação.

Ali se encontra — de dia ou de noite — alguém para elucidá-los. Em Guimarães, também houve o movimento de *unificação de forças*. E segue-se a orientação do momento. Foram nomeadas uma Grande Comissão e várias Sub-Comissões para fiscalizar o acto do recenseamento.

O Bloco, formado pelos Partidos Republicanos e Socialista, é um sintoma evidente de que em Portugal se olha a sério para o assunto de que, neste lugar, vimos tratando. Todos os Partidos nomearam o seu delegado junto do «Directório Unico» da «Frente Unica». E, acentuemos que nenhum dos referidos delegados faz parte dos Directórios dos seus Partidos.

A inscrição no recenseamento faz-se até 30 do corrente.

Os Partidos da República, reunidos na «Frente Unica» ao Partido Socialista, reconhecem a urgente necessidade de modificar a Constituição de 1911, tendo na devida conta as modernas correntes de opinião no domínio do Direito Político.

Côncios da hora que passa, incitamos os Republicanos de Guimarães a proceder imediatamente ao respectivo recenseamento.

Partidários intransigentes da Constituição, iremos acompanhando a nossa vida política nas colunas deste jornal. Havemos de informar os nossos leitores do breve ou demorado desenrolar dos acontecimentos.

Lêmos em vários jornais que o insigne Democrata, Sr. Dr. Brito Camacho, não pode infelizmente — e por motivos estranhos à sua

A VOZ DO POVO...

Após a derrocada dos Bourbons — quasi frias as cinzas de Primo de Rivera — alvorece em Espanha a hora da Verdade, da Justiça e do Direito. Dos quatro cantos do Planeta se ouve o prego inextinguível da imprensa. Há gritos que ainda logram perder-se no espaço. Mas o eco prevalece imanente no coração dos que — meio hirtos de pavor — assistem ao choro da viuvez e da orfandade. Sobre a monarquia de Afonso XIII rola encapelada uma onda de clamores. Qual é a força que, mesmo occultamente, de momento exaspera as multidões?

Diz um velho aforismo que «a voz do povo é a voz de Deus». Abstraindo-lhe o tom de religiosa superstição, podemos colher aí uma grande lição. E' raras vezes infundada a desconfiança popular.

A mentira impõe-se por escassíssimos espaços, se tomarmos em devida conta a eternidade. Vem estas divagações a propósito do assassinato de Leyret, o advogado livre sobre cuja morte se fez o mais espesso mistério. Foi já há muito...; reinava então a ditadura riverista. O leitor, de todo se havia esquecido deste crime. Porém — e porque nem sempre havemos de permanecer na mais estúpida das «hipnoses» — reavivou-nos a lembrança «O Primeiro de Janeiro», de 28 do mês findo que, muito lacônicamente, inseria sobre o tétrico episódio dois telegramas de Madrid. Meditamos um pouco. Quem matou Leyret?

Pesaram fundas suspeitas sobre os sindicalistas Pallas e Tarrago. Mercê de uma urdidura tenebrosa, em que pontificava o ódio vêsgo da reacção endinheirada, os dois inocentes iam pagar (bem o devem ter pago os infelizes!) o crime de outrem. Digamos sem tremuras que a morte de Leyret foi — antes de tudo — um crime político. Leyret, advogado de grande nomeada na Pátria de Unamuno, evidenciava-se como intransigente constitucionalista... um avançado. Foi deputado nos últimos Parlamentos. Depois — já consumado o movimento militarista de 1923 — despertou as atenções de Martinez Anido. Ora, este fervoroso servidor de Primo de Rivera (também foi ministro) mantinha relações com a «Sociedade Patronal», organização que financiava uma série de atentados durante os seis anos e pico de ditadura. Surge agora — e sabemos-lo pelo veloz relato dos jornais — um tal Inocência Facet a afirmar que não foram Pallas e Tarrago os autores do assassinio. E inculca outros nomes, de onde sobressai o de Fulgêncio Vera Torres, do Sindicato Livre. Diz mais o tal Facet que é conhecedor dos arquivos completos deste Sindicato. Que eles se relacionam com todos os atentados.

Está averiguado, por este e muitos outros pormenores, que era Martinez Anido quem ordenava directamente a caça ao homem. Assim, receberam do industrial Muntadas a soma de 40.000 pesetas para mandar assassinar o deputado Leyret. Estamos, pois, em presença de uma fera. Sabe-se que havia uns pistoleiros encarregados desta missão sinistra. Venciam mensalmente 300 pesetas; mas, em *serviço activo*, recebiam outros honorários... Eis aí porque assiste a mais funda razão à jovem Republica, quando instaura processo ao triste passado da época riverista. Martinez Anido foi um complemento inquisitorial de Primo de Rivera, que foi o pior dos ditadores.

Sanguinário e terrível.

Cruel e desdenhoso.

Hoje, vive-se em Espanha uma outra vida. A Justiça funciona refeita da sua dignidade. Basea novos crimes, perscruta mais atropêlos cometidos, mais massacres impunes. Espera como nós que em tudo se faça claro. Precisão, cordura e serenidade.

Que afora Leyret... quanta injustiça sem desafronta(?) quanta barbaridade sem castigo?

Pois bem: — a clemência, tão própria das Democracias, é em transes destes um sintoma de fraqueza. Haja mais vigôr! Mais pundonor próprio! Justiça e só Justiça!

E' o que a República vai fazer serenamente. Sem paixões tôlas...

E os nossos monárquicos que aguardem. Em face disto, ainda são capazes de deitar lágrima pelo Afonso XIII...

Um falido... com dinheiro!

H. BELÉM.

vontade — fazer parte do «Directório Unico» da «Frente Unica».

Ai fica esse compilado de pormenores. A' hora em que rabisamos estas notas, nada mais sabemos de verdade.

Dizem nos coisas mais ou menos hipotéticas, lesadas — claro está — de confirmação. Os Republicanos devem recensear-se e esperar que o Governo facilite as liberdades indispensáveis ao «acto eleitoral».

Em todos a fé ardente!

Viva a República.

xyz.

«A Velha Guarda», é o jornal do Povo. Lêde-a e fazei-a circular.

Este número foi visado pela comissão de censura

Tudo mudo e quedo!...

Sobre certos factos que se dão a cada passo — para não dizermos diariamente — na nossa terra, temos chamado, por diversas vezes, a atenção das respectivas autoridades, mas não nos consta que algumas providências tenham sido tomadas. Pelo menos, nós continuamos a ver que não podemos andar pelos passeios das ruas principais da cidade; que o garotio continua a fazer o que quere, não faltando os *palanões* imorais; que as ruas e respectivos passeios estão transformados em campos de foot-ball; que mãos selvagens continuam a matar cães, com veneno, na via pública, etc. Além destas actualidades — impróprias da nossa terra — há ainda outras de igual calibre, às quais a nossa policia vai assistindo com tôda a impassibilidade. La-

mentamos o termos de registrar o que acabamos de dizer, mas o nosso dever e a nossa consciência no-lo obrigam a fazer. Para nós, será motivo de muito prazer se tivermos ocasião de verificar, para futuro, que as autoridades deixaram de se conservar mudas e quedas perante o que se passa, e que é uma das maiores vergonhas para esta terra.

Economia

O Sr. Azeña, ministro da guerra da República espanhola, vai economizar cerca de 200 milhões de pesetas nos «dispêndios» da sua pasta.

O Sr. Azeña é um civil.

Republicanos, recenseai-vos. Pela Lei!

Nós e o sr. A.P. da Silva

Ainda sobre este assunto — e para arrumar de vez com a questão — se nos oferece esclarecer que conservamos íntegra e absoluta, a mesma opinião.

Por um acaso inexplicável, só hoje inserimos em «A Velha Guarda» estas palavras de justiça: a carta do Sr. Adão Pereira da Silva veio confirmar implicitamente o que em outros números afirmamos.

Conquanto justifique de certo modo a sua atitude, sua ex.^a não nega as nossas anteriores afirmações.

Logo, concluímos: que aqui se não calunia pessoa alguma.

Afirmam-se verdades mais ou menos justificáveis. Mesmo, já sua ex.^a devia ter processado «A Velha Guarda»... para melhor esclarecimento.

Ditas estas palavras de satisfação aos nossos amigos e correligionários, damos por terminada a tarefa. Cumprimos o nosso dever. Lavamos a consciência.

O resto é com as autoridades.

Portugueses! Cidadãos! Republicanos!

Lêde e decorai

O «Directório Unico», da «Frente Unica» da «Aliança Republicana», é constituído pelos cidadãos:

General Norton de Matos — pelo Partido Republicano Português.

Almirante Tito de Morais — pelo Partido Nacionalista.

Almirante Mendes Cabeçadas — pela União Liberal Republicana.

Dr. Crispiniano da Fonseca — pela Esquerda Democrática.

Julz Dr. Almeida Azevedo — pelo Partido Radical.

Dr. Maurício Costa — pela Acção Republicana.

Engenheiro Azevedo Gomes — pela Seara Nova.

Dr. Ramada Curto — pelo Partido Socialista.

Dr. Mário de Castro — pela Nova Geração Universitária. E ainda:

Drs. António Luis Gomes, Azevedo e Silva, Paulo Falcão e Duarte Leite — pelos Republicanos extra-partidários.

Cidadãos! Tendes na vossa frente uma pleiade galharda de figuras pátrias. Decorai os seus nomes.

Mercê honorifica

Acaba de ser condecorada pelo Governo da República, com o Grande Oficialato da Ordem de São Tiago da Espada, a benemérita Sociedade Martins Sarmiento, desta cidade.

Aos Vimaraneses as nossas felicitações.

“Símbolo” ou beato?

Realizam-se por aí fora umas espécies de conferências sob a invocação «*simbólico-especulativa*» de Nuno Alvares Pereira.

Sem molestarmos a funda simpatia, que este vulto da nossa história, no último quartel do século XIV, nos inspira, devemos — em abono duma verdade que anda deturpada por essa Pátria em fora — depôr sobre o caso do «*guerreiro e monge*» duas palavras de referência. Há quem nos leia mal-intencionadamente. Mas, saibam todos — e para desfazer possíveis equívocos — que não alimentamos a tóla pretensão de escrever história.

Por instinto, habituamo-nos a admirar no herói de Aljubarrota a face, *tanto ou quanto cívica*, do seu nunca esquecido patriotismo. E essa admiração avoluma-se sobremaneira ao confrontarmos a atitude do «*Condestável*» com a de alguns então chamados grandes de Portugal. Foram duma volubidade indigna êsses «nobres» portugueses. Adivinha-se ainda o vago ou indeciso significado de Pátria. E isto, em virtude do fanatismo religioso que no tempo se sobreleva a todos os sentimentos. Obcecados por uma nuvem de preconceitos ôcos, aquela bronca fidalguia aceitava um tanto voluptuosamente a hereditariade de D. Beatriz (a filha adúltera?) sem um lampejo de independência própria. E' que, não se acolhiam ao pendão duma causa deveras interessante, mas sim às lisonjas e promessas dum chefe estrangeiro. Não foram, a rigor, verdadeiros traidores. Antes do mais, tomêmo-los como titeres da época de trevas obsidiantes em que, sob o impulso absurdo da Roma onipotente, se cometiam atentados de lesa-humanidade; por exemplo: as *Cruçadas*. Esses nobres eram porventura o rescaldo do tempo que morria. Tanto mais que, ao invés de Pátria, evocavam o termo «lealdade» para a filha de Leonor Teles...

Foi então que a conspícua revoadada de patriotas — reunidos à volta do Mestre de Aviz e de Nuno Alvares — se pronunciou em Coimbra pela voz judiciosa e astuta de João das Regras. Resulta, do todo, que entre tantos aguerridos luzitanos sobressai lendariamente a figura insinuante do «*Condestável*».

Feito este escassíssimo preâmbulo, entremos no objecto que aqui nos permitimos focar devidamente. Interpretamos a vida de D. Nuno como simples profanos. Nem à força de exercícios nos é fácil sequer um curto afastamento do raciocínio que nos elucida. Se erramos é de boa fé.

D. Nuno era filho do femieiro prior do Hospital, destemido progenitor de trinta e duas vergõneas da sua árvore genealógica. Criança ainda, encontramos o futuro caudilho das hostes portuguesas ao serviço da ultra-lasciva Leonor Teles de Menezes. Foi o seu págem uma boa temporada. Nada de extraordinário no famoso adolescente.

Quando muito, notamos-lhe o trato desrespeitoso para com os soberanos. E para exemplo, citamos-lhe a atitude desempoeirada no banquete nupcial da jovem Beatriz; atitude que fez cair pesadamente o sobrecenho do rei castelhano. Muito embora pouco dado ao prazer da carne, o filho do prior mulheriqueiro — há homens que são, por temperamento, a negação paterna — sempre casou com uma rica viuva do norte. Do matrimónio houve uma filha... para fecho da boa lógica. D. Nuno (curioso pormenor!) embirra-va solenemente com a gente gôrda... desconsiderando afrontosa-

mente — e entre tantos outros — a um paçudo fidalgo de origem galêga — chamado Alvares Pires — ao cabo duma batalha. Duma fácil irascibilidade, retalhou mortalmente o escudeiro deste ao intervir em defeza do amo. Porque D. Nuno — já o dissemos — espumava raivosamente à menor incontinência.

Na sua concepção fisiológica havia elementos adoentados. Tanto mais que até de seus avoengos se narravam peripécias mais ou menos semelhantes.

Porque uma afeição o prendia lealmente ao filho Tereza Lourenço uma afeição de irmão — vemos que o tumultuário manco se inclinou desde logo para a causa de D. João. Havia, na sua alma, arroubos de esquentado patriotismo. D. Nuno combateu os castelhanos e os irmãos... que alguns se bandearam por Castela. Mesmo no ante-prelúdio da memorável Aljubarrota o tentaram determinar a passar para o campo inimigo. D. Nuno resistiu como português. E um dos renegados caiu a poucos passos dele. O «*Condestável*» batalhava ardorosamente: cortava, feria, rasgava, matava. Às vezes — e já era dura e rija a peleja — ajoelhava para orar num acesso de religiosidade. Após o que, refeito do seu génio belicoso, se emaranhava na onda de inimigos — durindana ao alto e olhos descomunais fora das órbitas. Batia-se como um possesso. E mais: tinha a astúcia de, com mais perícia, liquidar os partidários de Castela.

Aljubarrota tornou-se a nossa maior vitória... um auspicioso começo da dinastia joanina. E' louco todo aquêle que aqui faz prever o milagre. Não há milagres propriamente ditos. Se o querem adivinhar, vão ao seio do povo. Que — se o houve! — foi êle quem o fez. D. Nuno revelou-se um chefe militar. Supriu, até certo ponto, a deficiência numérica. Mas, quem venceu a batalha de Aljubarrota, foi o estado de alma — revolta e indignada — de Portugal. Do mesmo modo Valverde. E tôdas do mesmo modo.

O Condestável mostrou-se à altura de acaudilhar êste povo insatisfeito, de personificar a alma semi-vulcânica de então. Foi o homem. E com êle colaborou amestradamente o próprio D. João de Aviz.

Eis tudo.

D. Nuno recolheu-se a uma instituição religiosa. Instituição que êle próprio fundara. Como todos os verdadeiros heróis, tinha grande simpatia pelos fracos. Protegia-os. Fazia o sacerdócio da pobreza. Os pobres o seu maior enlêvo... os pobres que de escudela iam ao mosteiro quotidianamente.

Foi conhecido — com o dobar dos anos — pela designação de «*guerreiro e monge*».

Ficou sendo uma figura da Pátria. Figura acarinhada no generoso coração popular.

Tradição em fora... e a silhueta de D. Nuno ainda a desenhar-se nitidamente no coração de Portugal!

Mas... há aqui um reparo. A «*Igreja*» adoptou-o, beatificando-o. Nós — cõscios do papel do «*Condestável*», que foi da Pátria e não da Igreja — atribuímos ao facto a intenção de especular. Roma, porque retém os crentes no «*jube-domine*», chama a si os heróis do vulgo, estreitando assim as suas afinidades com o que o povo ergue em estátua. Um «*statu-quo*» errado. Uma fictícia identidade. Porque se D. Nuno hoje vivesse seria tudo, menos católico... praticante.

Naquêle tempo não havia doutrinações sociais. Se os houvesse, adoptá-los-hia. Ainda nos lembramos de haver lido o incidente do «*guerreiro e monge*»

com o embaixador castelhano. O herói, o guerreiro, o patriota, o todo irado, renasceram de momento na alma convulsa do recolhido. Não pertence à «*Igreja*»... senão para fins de culto. Esta, usa o sistema de recrutar os «*heróis*» da incarnação dos povos. Assim o fez à própria Joana d'Arc... quando é certo que a Pucela foi queimada pela Igreja sob a incriminação de hereje.

A Igreja... especulou em todos os tempos.

E o nosso ouro?

Ferindo a mesma corda — Nós e os monárquicos — Um episódio cheio de surpresas — Os capitais portugueses e a economia nacional — De que lado está a razão?

A família portuguesa atravessa o seu mais escabroso lanço de caminho. Todo o português que se preza, se honra das tradições de Liberdade e Civismo que alguns maiores lhe legaram, não oculta hoje o sempre crescente interesse pela causa política que profundamente nos agita. A verdade palpita em muitos corações, em centenas, em milhares, em milhões de generosos corações. O debate alonga-se indefinidamente em busca de purificação.

Indefinidamente...

E porque há barreiras intransponíveis que separam facções, de onde se arremessam — tantas vezes impunemente — as mais flamejantes injúrias, façamos, em abono da verdade, o sacrifício dos nossos nervos, dilatados em extase pelas calúnias que incessantes nos escaldam.

Somos Republicanos. Intransigentemente Republicanos. Afrontamos com heróico estoicismo as iras da reacção. Oferecemos-lhe o peito às buxas de papel. Lutamos às escâncaras. E, de quando em vez, roça-nos pela derme limpa um póco da sua baba ruim. Não deixa nódoa; mas o vestígio da maldosa intenção fica sempre. Assim, havemos parado o choque de tantas estocadas mal jogadas. Assim, nos foi lançado sobre a face o labêu de *traidores à Pátria, de iberistas*, etc.

Abreviemos: — de onde partem os tiros? — toda a gente sabe — nós até sabemos porque — que é dos arraiais monárquicos. Eis, tantas vezes, a causa de irmos à historia buscar ensinamentos.

A' história de todos os tempos.

A' história mais recente.

E respondemos sempre em letra redonda, bem legível e inequívoca, à mentira reacçãoária. Apontamos-lhe factos. Ainda há pouco lemos em a «*Liberdade*», de Lisboa, uma sugestiva interpelação feita a Nemo. Recortamos: «*Mas nós preguntamos à Voz quem são os traidores. Nós preguntamos à Voz a que partido político pertencem os portugueses que andaram tratando, com a côrte espanhola, do casamento de Duarte Nuno, com a filha «menos doente» de Afonso XIII.*

Muitos leitores não conhecem o significado da alusão. Vejamos se, em duas penadas, nos é possível induzi-los na sua compreensão. Alguns «*integralistas*» portugueses, todos os «*integralistas*» de Portugal, manobram clandestinamente, e há pouquíssimos anos, não sabemos que política internacional que alvejava o consórcio de Duarte Nuno com uma filha de Afonso XIII. Até aqui, é lá com êles. Mas êsses *fervorosos patriotas*, que acoimam os Republicanos de traidores à Pátria, não hesitavam em *fazer de Portugal um feudo* daquele Bourbon para colocar no trono português o neto de D. Miguel. Não lhes importava pois a nossa independência absoluta.

Por vergonha, o não dissemos ainda. Vergonha que no século XX

possam ter foros de oportunismo aqueles versos do épico:

Dizei-lhe que também dos portugueses Alguns traidores houve algumas vezes.

Sabemos que, usando dêste gume impenitente, só conseguimos irritar o adversário. Nunca convencê-lo. Estas verdades não o gelam. Agora, olhemos ainda o seu patriotismo por outra não menos improvisada faceta: — a financeira. E' corrente a voz de que os monárquicos fazem o depósito dos seus capitais no estrangeiro. Alguns monárquicos, bem entendido. Porque — e o seu a seu dono — ainda há monárquicos honrados em Portugal. A nossa manifesta hostilidade — ou luta em campo aberto, por processos leais ou sem subterfúgios traiçoeiros — é contra os que dizem de nós as últimas misérias. E' contra êsses.

Acaso, temos à mão o último número da *Revista Portuguesa de Comunicações*. Ora — e para reatarmos o fio do discurso — vem lá inserto um bem elaborado artigo sobre a questão em foco. Há no estrangeiro verdadeiras, fabulosas, estupendas fortunas de dinheiro português. Calculam os mais avisados que o seu montante deve andar perto dos *cem milhões de libras*. Outros há, no entanto, que variam o cálculo moderadamente entre os quarenta, sessenta ou oitenta milhões, etc, etc. Para nós, não é uma surpresa a revelação daquela importantíssima publicação. Conhecemos de sobejo as velhas usanças dêstes monárquicos que, a fim de hostilizarem a República, levaram aos cofres dos bancos estrangeiros o nosso ouro. Não os move tampouco um pouquinho de amor a Portugal. Não lhes amolece o coração a falta de trabalho, mercê — julgamos nós — da inamovibilidade dos capitais, retidos lá longe. Não os convence, não lhes capta a confiança, o nosso Ministro das Finanças que a tôda a hora diz que a Pátria precisa da boa vontade de todos. E êsses reacçãoários — que ovacionam a Ditadura, como um regime de ordem — não trazem para o País as suas dezenas e dezenas de milhões de libras.

E agora, vejamos que no estrangeiro só podem lucrar um juro mínimo: $2\frac{1}{2}$ a 3%; ou então — e admitindo a melhor das hipóteses: 5%. E' inegável que em Portugal auferiam um juro muito maior; talvez de 9 a 12%.

Mas os monárquicos não tem confiança no País. Não chega a tanto o seu patriotismo. Acresce ainda que os juros colhidos lá fora, constituem — apesar de mínimos — uma boa soma de milhões, milhões que muito podiam fazer cá dentro de Portugal. Pois nem os juros trazem para a Pátria. Ficam a engrossar os seus fabulosos capitais de além fronteiras. E para quê? Simplesmente: para fazerem, nos vários centros de prazer mundial, uma dispendiosa vida de nababos. Aí ficam, para amostra, algumas dolorosas verdades. Os que assim procedem (e por palavras, simples palavras, exteriorizam um patriotismo rubro) são os que petulantemente achincalham a *honra sem enfeites* dos Republicanos. E o patriotismo dêles — estamos a vê-lo — é mais uma figura de retórica, mais um arrebejo dos seus *oremus*. Não levantamos ainda todo o véu que oculta a chaga.

Não. Em tudo somos metódicos. A dentro das possibilidades, evitamos os extremos; mas sem receios nem indecisões. E assim, preguntamos: *de que lado está a razão? De que lado o melhor patriotismo?*

O leitor consciente dispensa a resposta.

Em desafronta dos nossos credos... dos nossos brios...

Digam-nos os monárquicos ca-

Malhando sempre

Nemo, o homem das diabru-ras, continua a *malhar* na Maçonaria como quem malha em centeio verde — assim diz o nosso povo — não havendo meio de se convencer a ter o devido respeito pelas crenças daqueles que não pensam como sua *Alteza*. Deve concordar, senhor Ferdinandinho, que a mania de atribuir tudo — até, se possível fôr, o *fim do mundo* — à existência da Maçonaria, é ainda menos lógico e menos racional do que atribuir o seu aparecimento como um ser humano, o que só pode ser justificado por um descuido imperdoável da Natureza.

Portanto, volte a página à cartilha e deixe em paz quem sempre repudiou os seus *salamaqueques* e as suas cartas de namô-ro... Entretenha-se a alimentar o fôgo sagrado da lamparina que vai iluminando o espirito dos moribundos, e, uma vez que assim faça, será — em ocasião oportuna — homenageado com uma *Estátua de mel*. Não acha que somos coerentes e correctos? Devemos dizer ao futuro *Grão mestre do Feiticismo* que quem escreve estas linhas nada tem com a Maçonaria, mas somos contrários à doutrina de «*A Voz*», porque consideramos um crime a falta de respeito pelo modo de pensar de quem quer que seja. Aqui respeitamos se tôdas as crenças.

L.

José Maria Gomes Alves

Passou no dia 31 do mês findo o 1.º aniversário do falecimento dêste nosso saudável amigo e dedicado correligionário. Gomes Alves foi chefe da Secretaria da Câmara Municipal, dêste concelho, durante muito anos, cargo que exerceu com tôda a honestidade e muito zelo e competência, qualidades que sempre lhe fôram reconhecidas pela maior parte daqueles com quem conviveu, quer dentro, quer fora da sua Repartição.

Nos últimos dias da sua vida, foi vítima de grandes contrariedades, circunstância esta que muito contribuiu para abreviar a sua existência. Gomes Alves foi injustamente lesado nos seus direitos, com o que não se conformou até ao último momento de vida. Morreu pobre, mas honrado. Pobre amigo!

Saúde pública

A bem da saúde pública pedimos ao sr. Delegado de Saúde a mais rigorosa fiscalização ao peixe que se vende nesta cidade, pois sabemos que se tem vendido êste género em estado de putrefacção. Realizou-se a Semana da Higiene, decorre a Semana da Tuberculose e não faz sentido absolutamente algum que o povo seja *envenenado*.

Não quer isto dizer que S. Ex.ª se mostre indiferente no cumprimento do seu dever, pois temos reconhecido o interesse que dispensa a bem da saúde na ária que está, e muito bem, a seu cargo; mas sim constatamos que outras entidades não procuram ajudá-lo como devem.

tegôricamente porque é que não trazem os seus capitais para a Pátria. Porque não trazem, ao menos, os respectivos juros.

Aguardamos.

X. X. X.

CIDADÃOS!

Transcrevemos do «Janciro»:
Podem e **devem** votar nos candidatos a vogais das Juntas de Freguesia:
Os cidadãos portugueses de um e outro sexo, com responsabilidade de chefes de família, domiciliados na freguesia há mais de seis meses.
Para este efeito, tem responsabilidade de chefe de família:

Os cidadãos portugueses do sexo masculino com família constituída e não tiverem comunhão de mēsa e habitação com a família dos seus parentes até o terceiro grau da linha colateral, por consanguinidade ou afinidade.
Neste caso consideram-se chefes para o exercicio do sufrágio os que forem proprietários ou arrendatários do prédio ou parte do prédio habitado, e os mais velhos, no caso de haver comunhão na propriedade ou no arrendamento.
Os cidadãos do sexo masculino, maiores de vinte e um anos, com mēsa, habitação e lar próprios.
As mulheres portuguesas, viúvas, divorciadas ou judicialmente separadas de pessoas e bens, com família própria, e as casadas cujos maridos estejam ausentes nas colónias ou no estrangeiro, umas e outras se não tiverem comunhão de mēsa e habitação com a família dos seus parentes.

Pela nossa Escola Técnica

(Retardado)

Os representantes de várias colectividades da nossa terra, que fôram, ultimamente, a Lisboa — a quando da manifestação ao Senhor General Carmona — instar junto do Governo pela justa satisfação das aspirações de todos os Vimaraneses, esqueceram-se de incluir, no pedido que fizeram, a nossa Escola Industrial e Commercial.

Pena foi que suas ex.^{as} não levassem ao conhecimento do Senhor Ministro da Instrução a necessidade — bem manifesta — de dotar esta Escola com o curso complementar commercial ou, pelo menos, incluir no plano do curso actual a disciplina de inglês, conforme já foi solicitado — após a publicação do decreto que reorganizou este importante ramo de Ensino — por várias entidades locais. Para nós, que reconhecemos o quanto se torna importante nas diferentes classes sociais o desenvolvimento do Ensino Técnico — mas de um modo especial na classe operária e na commercial — foi motivo de estranheza não se ter pedido nada neste sentido, e de mais a mais pôdo fazer-se sem prejuizo das outras pretensões, e mesmo sem o da resposta... O Ensino Técnico, que é uma dos fortes alavancas do progresso, é não só uma aspiração do povo, mas é também uma garantia do futuro do mesmo povo.

G.

Quirinal ou Vaticano?...

Lavra a discórdia no seio da velha Roma. Contra a expectativa de muitos, vive-se uma hora de loucura tumultuosa, de acerbas paixões sem freios, na «urbes» dos papas e dos reis. O choque das potências — o Estado e a Igreja — havia de nascer das mútuas relações de tão apregoada amizade. O fascismo, que aos católicos portugueses mereceu os efusivos cantos da *inocência*, esbraveja de fanatismo «mussolinico» contra os fiéis do Vaticano. Tinha de ser. Tarde ou cedo, os estados se revoltam contra o poder católico; que este — muito embora espiritual? — vai, de mutação em mutação, agregando a si os elementos de tirania. Chega a ser insuportável. Não sabemos o que houve de terrível, entre os dois aliados que ora se degladiam. Os jornais limitam-se a publicar e comentar os rádios. E chegamos à conclusão de que em Roma, e mais cidades italianas, se ergue o

elemento fascista invadindo conflituosamente os templos.

Pelo visto, nem só em Espanha — e há a atender que ali se vivia o período revolucionário — se fazem cometimentos contra as instituições religiosas. Fazem-se na Itália, em Roma. E importa saber que no país visinho, de mistura com tanta queima e atentados, não lobrigamos sequer um caso de desrespeito a objectos como crucifixos. Pois bem: anda agora o jornal «Novidades» a lacrimar contra a *violência*... e fazendo indirectamente a apologia de doutrinas que há muito defendemos. Ao lermos nas suas colunas que o fascismo é «uma aberração social»... sonhamo-nos em presença dum jacobino. Mas, só por alturas destas, vemos a lágrima triste e luzidia a tremer... a tremer... na face dos «eremitas». De facto, ninguém assaca coisas tão atentórias da liberdade alheia às Democracias. Porque estas costumam pôr os pontos nos «ii». E não permitem excessos extra-legais... abusos de liberdade que possam implicar com as prerogativas de outrem. A Lei é a Lei; promulgada por cidadãos, a estes importa velar por ela. São assim as Democracias. Mas as «Novidades» — que ora se revoltam contra o cesarismo — têm preconizado a excelência dos *poderios*. Em Roma nunca houve atentados quando esta cidade tinha por «sindico» (equivalente a «alcaide» ou «maior» ou «burgomestre») um «maçon». Mas a viperina arenga dos piedosos fiéis martelou fundo até escorraçar o homem. E eis que tudo se esclarece. E' a história... sempre a história a repetir-se de certo modo. Nada pode interessar-nos do que se passa em Itália. Fazemos unicamente o seu registo ao lado da nossa documentação.

São factos sociais. De resto, pouco nos importa que o fascismo seja semelhante ao comunismo. Aqui defende-se a Democracia.

D. B.

Os meus instantâneos

VII

«Dislates e mais dislates»

Basta de iberismo!

Os reaccionários portugueses comovem-nos com o seu *inexcedível amor à Pátria*. Se não fôssem os muitos afazeres que ora nos preocupam, faríamos dêles a «ala dos enamorados». Ontem — joelhos em terra e olhos postos no céu de Espanha — todos se delambiam ao lér as mil e uma facécias do «Gutierrez». Comovedoramente amigos de Espanha, estes maduros.

E dos impérios centrais.

A' frente dêles, o sr. António Sardinha.
Hoje — fustigados os Bourbons pela restauração da República — reacende-se-lhes o patriotismo que fêz grandes os portugueses de Aljubarrota.

Odeiam a Espanha imbecilmente. E a Alemanha. Quando da «grande guerra», ansiavam pela derrota dos aliados. De Portugal. Da Inglaterra. Diziam da «secular aliança» o que o diabo não diz da cruz.

E agora?!

Não ponham mais dentro do envelope. O patriotismo estragou-lhes a bôa lógica. Trazem tudo do avêssio. Até o juízo.

*

Porque será?

A França inquieta-os. Causa-lhes insónias, lôbregas horas, tontas locubrações, receios...

Parvos!...

Dão-se ao luxo de dizer tolices sobre a sua textura política, ao sport de menosprezar os seus homens. Briand e Herriot — por

Cantigas... mais cantigas

III

*No azul se esvai a neblina,
Desperta soberba a Serra.
Tudo de sol se ilumina,
E' o Sol da minha Terra!*

*Só tu, meu único amor,
Me dás a doce eufonia
A estes versos de dor,
De saudade e... ironia...*

*Vendes amor e sorris
A quem o dás — por favor...
Só a mim, não, infeliz,
Vendes nem dás teu amor...*

*Como um mendigo que implora
Do rico qualquer sobejo,
Assim te peço, Senhora,
A caridade dum beijo...*

*Chega até mim, docemente,
Tua voz dum treno alado,
Meu coração quando a sente
Trabalha mais apressado...*

*Se te ris todo eu me afundo
Num póço enorme de gelo...
— E' que igual não há no mundo
Um riso assim amarelo!...*

*Não vos fieis raparigas
Nas juras dos estudantes...
Juras d'amor são cantigas
Para enganar as amantes...*

*Lá vem ao longe a Paixão
Do Bendito, a soluçar...
Vem ungir meu coração
Por ti há muito a expirar...*

*Que importa morrer, querida,
Se é bem fatal minha sorte?...
— Nunca vivi nesta vida,
Talvez que viva na morte...*

*Se quer's saber a razão
Porque viro insatisfeito,
Pergunta-o ao coração
Que bate aqui, no meu peito...*

*Porque caíste na lama
Da tua sorte não rês...
Não fulge menos a Alfama
Do que o largo do Rossio...*

*Nos livros pouco aprendi
E nunca o pude estudar,
Porque quando olhei p'ra ti
Aprendi a namorar...*

*Deste-me um beijo a brincar
E não sei porque mistério
Minha bôca anda a teimar
Que mo deste muito a sério...*

*Quando eu morrer não te esqueça
Este meu desejo-insano:
Hás-de trazer na cabeça
Um laço vermelho um ano...*

DELFIN de VIMARANES.

exemplo — sofrem-lhe as diatribes loucas.

Parvos!...

Atacam uma organização tão burguesa...

Porque será?

Nada, mesmo nada. Ou então: o espectro ameaçador de 89.

*

Algumas freiras de Espanha, receosas, trémulas, acolhem-se a Portugal. Já cá temos disso uma farturinha.

O pior — e agora lá vai a carapuça — é que as mulheres abundam neste jardim de à-beira mar. Lavra entre elas um desemprego pasmoso. Estas santas religiosas vêm fazer monte com as muitas inactivas. Pode acontecer o contrário. Mas então, não hão-de faltar scēnas de pugilato por essas ruas fora.

Vai ser um louvar a Deus!

E a humanidade multiplica-se, cresce.

*

O correspondente do «Primeiro de Janeiro», camarada e amigo, anda a berrar agora contra o município que fica ali ao pé da casa dêle.

Falta de gosto! O Município

faz muito bem em conservar estes arcaísmos. Talvez passe o referido «instrumento» a ser considerado um monumento nacional, com o andar dos tempos...

E só assim — convença-se o meu amigo — podê haver progresso.

Que o paradoxo não existe. Se reparar bem, é assim que os integralistas marcham para o progresso. E olhe que eles não são caranguejos de todo.

*

Um sujeito qualquer de S. Torcato, plumitivo de olfacto e veia tensa, inventou uma indústria.

Ora vejam os meus leitores que estamos em presença dum fenómeno. Faz uma indústria simples: expede para fora a água milagrosa do santo, etc.

Anda o mundo espantado com as curas do líquido: sífilis, cancro, tuberculose, hemorroides, lesões cardíacas, reumatismos, hidrofobia e outras bugangas. A federação médica mundial, com sede em Algueiros de Baixo, levou as suas queixas aos tribunais de Haia.

O caso implica com a intervenção da S. D. N.; visto que da consumação do acontecimento resulta a falência da medicina, o desemprego, etc.

Um horror!

Dizem-me que algumas universidades já encerraram as faculdades de medicina.

Um pavor!

Se as nossas forças vivas — sempre anchas para interferir junto das autoridades — não olham o caso, de frente e dos lados, bem podem os «esculápios» tratar de outro officio. E' fácil a resolução; em vez de milagre terapêutico... que se ponham estes rótulos nas vasilhas: «água pura» ou «boa limonada sem açúcar».

Uma coisa insignificante.

*

Tem graça! Ali pela noitinha, repicam vagarosamente os sinos cá do burgo. Gente devota que faz propostas espirituais ao céu...

Eu aprecio muito a fé dos crentes. Ha fé de mais e fé de menos. A's vezes, vejo umas mulherzinhas já gastas, que se intitulam esposas de N. S. Jesus Cristo.

E enchem-se de santa ira á menor heresia. Santas, mil vezes santas...

Cristo — que prégou contra a poligamia — tem cada esposa!

*

Curioso!
Há gentinha que se exaspera pela falta de luz.

Nada mais injusto!
Ainda quarta-feira á noite vimos, ali na Rua de D. João I — e como que a desmentir semelhante coisa — muitas lamparinas ás janelas...

Luz a potes nas grizetas!
O mundo anda. E Guimarães, a menina e moça cá destas bandas, também «faz que anda»... Guimarães «ser» gente!

Ricardo de S. Gil.

Câmara Municipal

Sessão de 27 de Maio

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Fizeram-se as arrematações de reparação e melhoramentos de pavimentos de diversas ruas.

Balanço:

Ficou inteirada do balanço dado pelo respectivo tesoureiro, relativo á semana finda em 23 de Maio, acusando os seguintes saldos:

Depósito na Caixa E. Portuguesa .	320.000,00
Existência em dinheiro no cofre .	13.206,11
Total	333.206,11
Offícios:	
Do Governador Civil do Distri-	

DIZEM...

Que o Sr. Fernando de Sousa (vulgo, o Nemo) estava apazado a vir hoje a Guimarães realizar, no Asilo de Santa Estefânia, um simulacro de conferência.

— Que o tēma da dita, salvo outra informação, se prendia com a beatificação do Condestável (o S. Frei Nuno de Santa Maria).
— Que a Direcção do Asilo não devia aproveitar-se do local para estas coisas, nem permitir que terceiros o aproveitem, etc.

— Que Nemo não veio por motivos de ordem pessoal.

— Que exigia recepção official: Edilidade e outras entidades officiais, música, foguetório e banquete.

— Que ninguém foi na onda, da exigência. Que não há «borlas».

N. B. — Não sabemos se é verdade. O que não nos oferece dúvida é a petulância do velhote, dada a hipótese pouco hipotética de isto ser autêntico.

to autorizando ao abrigo da lei o lançamento do imposto para a construção do cemitério de Santa Maria de Airão.

Do Administrador do Concelho de Guimarães.

Do engenheiro secretário geral do Ministério do Comércio e Comunicações.

Do Chefe da Repartição de Finanças dêste concelho.

Do carcereiro da cadeia.

Da viúva de Manuel de Sousa Oliveira relativo ás obras a fazer na escola da freguesia de Infias.

Do Director da Escola Industrial e Commercial de Francisco de Holanda, solicitando a comparência á inauguração das oficinas de tecelagem daquela escola.

De Américo Alarcão, diplomado pela Escola de Belas Artes do Porto.

Da Comissão Administrativa da Junta de Fermentões.

Foram deferidos e indeferidos vários requerimentos.

Exposição:

Pelo vice-presidente foi apresentada a seguinte exposição afim de ficar devidamente registada na acta:

Afim de assistir á reunião realizada no Ministério do Interior para ilucidações acêrca do novo Código Administrativo e Lei Eleitoral, tomar parte na homenagem nacional realizada no dia 17 do corrente mês ao Ex.^{mo} Snr. Presidente da República e tratar de vários assuntos de interesse para a cidade e concelho de Guimarães, estiveram em Lisboa os membros da Comissão Administrativa da Câmara, coronel Duarte do Amaral Pinto de Freitas, José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, Antonio José Pereira de Lima e Joaquim da Silva Ferreira Monteiro, juntamente com o governador civil, Presidente da Junta Geral do Distrito, alguns elementos da União Nacional Concelhia e outros vimaranenses.

Fôram aprovados alguns projectos.

Tomou várias deliberações, entre as quais a de solenizar a data festiva de 28 de Maio e autorizou pagamentos.

Alfaiate

Oferece-se aos dias em casa particular.

Falar com António Martins Gonçalves — R. de Vila-Flor, 110 — Guimarães.

V. Ex.^a

só encontra um bom sortido de MEIAS em todas as qualidades, camisas, popelines, gravatas, chapéus, sombrinhas, luvas, malinhas, bordados e rendas, artigos de bordar, calçado de verão, na CAMISARIA MARTINS, a CASA DAS MEIAS.

O melhor café é o d'A BRAZILEIRA

Toprefacção primorosa
Todos os dias moído electricamente

DEPOSITÁRIOS:

Francisco Joaq.^m de Freitas & Genro70-TOURAL-73
GUIMARÃES

FÁBRICA DE PENTES DO RIBEIRINHO

FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS
ARMAZENS EXPORTADORES
TELEFONE N.º 128
GUIMARÃES — Portugal

CASA DAS GRAVATAS DIAS & CARVALHO, L.ª

CHAPELARIA,
CAMISARIA E
GRAVATARIA.
43 — Rua da República — 47
TELEFONE N.º 188
GUIMARÃES

CARLOS DE LEMOS

(MARCA 54)
FÁBRICA DE CUTELARIAS
MIRADOURO — GUIMARÃES
Cutelarias em aço fino das
melhores procedências

PADARIA ALMEIDA

DE
José Mendes Guimarães
Rua Elias Garcia, 63
GUIMARÃES
Cereais e Farinhas

PHILIPS RADIO

OS MELHORES RECEPTORES

Representantes:
BERNARDINO JORDÃO, FILHOS & C.ª
GUIMARÃES
TELEFONE 22

Grande Armazem de Exportação
DE
Augusto Mendes
Rua de Gil Vicente
GUIMARÃES
Calçado,
Cutelarias
e Pentes

GASA DE SANTA TERESINHA
RUA DA REPÚBLICA, 122
GUIMARÃES
Papellaria e Livraria
Artigos Religiosos e
Objectos de escritório

Pasta dentifrica CORALIA
Sendo quimicamente neutra é a
única que dá aos dentes a
côr natural do marfim.
Telefone, 73
Vende-se em tôdas as farmácias e
perfumarias.

CASA HIGH-LIFE, Filial
de Benjamim de Matos & C.ª, L.ª
Tourel — GUIMARÃES
Telefone, 64
O seu intento é, com os preços e qualidades de
todos os artigos que vendem, convencer o público
de que se esforçam o máximo para lhe fornecer
artigos bons e garantidos por preços razoáveis.
SECÇÃO DE MODAS.

Antiga Casa Patricio
DE
José Fernandes Martins
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
Pão de Ló de Margaride (de Leonor
Rosa da Silva).
Especialidade em artigos
de mercearia fina.

A. J. Ferreira da Cunha
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
Sortido completo em ferragens
finas e para usos industriais.

Papelaria Central
Telefone, 149
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
Artigos fotográficos.
Única casa da especialidade.

Armazem de Merceria
por junto e a retalho
DE
Francisco Lopes Martins
Rua de Gil Vicente — GUIMARÃES
Depósito de telha Marselha
e tubos de grés. Telefone, 101

GRANDE HOTEL DO TOURAL
TELEFONE N.º 74

O maior, o mais central e o mais
bem frequentado e confortável.
Serviço de mesa primoroso
para dieticos e não dieticos.

PENSAO DE GUIMARÃES
DE JOAQUIM DA SILVA
19, Travessa de Camões, 21 — GUIMARÃES

Almoços a 8\$00. Jantares a 10\$00.
Diárias de 14\$00 a 25\$00.
Quartos excelentes e cozinha á por-
tuguesa. Iluminação eléctrica.

João do Couto Salgado
CHAMADAS — Telefone, 222
Mudou o seu escritório de
solicitador para
a Rua 31 de Janeiro, 111
GUIMARÃES

Fábrica de Guarda-sois
e Chapéus
DE
FARIA & FERNANDES, L.ª
51, Largo Prior do Crato, 54 — GUIMARÃES
49, Praça D. Afonso Henriques, 50 (Filial)
Telefone n.º 89
Agentes oficiais dos pneus FIRESTONE
Representantes do capacho IDEAL

Oficina de Serralheria
DE
SEBASTIÃO MENDES
Rua de Vila Verde — GUIMARÃES
Encarrega-se da manufactura de toda a obra que
diz respeito á sua arte, tais como: Portais para
quintas, cozinhas de ferro, ramadas, etc., etc., etc.
Especialidade em alicates, torqueras, fechaduras e pedreiros.

Leite & Figueiredo
Materiais para construções
Cal, tintas, vernizes, tubos
de grés e telha de Marselha.
Largo da Condessa do Juncaal — GUIMARÃES

GARREIRAS DE CAMIONETE
ENTRE GUIMARÃES E PORTO
João Ferreira das Neves
Escritório:
Casa Almério Ferra
Tourel — Guimarães

António Ferra, Filho
Largo D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
Completo sortido em ferragens finas
e artigos de menage.
Escritório de Camionetes para o Pôrto

JOSÉ MENDES GUIMARÃES
R. de Gil Vicente, 71 — GUIMARÃES
Depósito da excelente palha tri-
lhada em fardos, bancas de
lousa para barreiros, oleados
e carvão de coke para cosinha.

Braga & Carvalho, Limitada
Praça de D. Af. Henriques — Guimarães
TELEFONE, 78
ARMAZEM DE MERCEARIA FINA
e Escritório das Camionetes para
Braga e Pôrto.

CASA IDEAL
DE Joaquim Leite Monteiro
Rua 31 de Janeiro n.º 28 e 30
Telefone n.º 181
Encarrega-se de concertos em tôdas as
Máquinas de escrever (qualquer marca).
Serviços garantidos. — Preços módicos.
Agente das Máquinas Smith e Corôna.

L. D'OLIVEIRA & C.ª
Rua da República
(Junto ao Banco do Minho)
GUIMARÃES
Completo sortido em tabacos
nacionais e estrangeiros.
LIVRARIA E PAPELARIA.
VALORES SELADOS.

Sapataria Elegante
DE
Artur d'Oliveira Sequeira
Largo Prior do Crato
GUIMARÃES
Especialidade
em
calçado fino e concertos

MANUEL MACHADO
Miradouro — Guimarães
Marca 53 (Registada)
Fabrico de cutelarias.
O melhor no género.
Acabamento garantido.

Joaquim Ribeiro Moura
(Marca 35)
Pisca — GUIMARÃES
Telefone n.º 187
Fábrica de Cutelarias e Tecidos
Premiada nas várias exposições a que tem concorrido.
A título de experiência, aconselha-se
uma visita a esta acreditada casa.

FOTO - BELEZA
DE MANUEL ALVES MACHADO
Rua 31 de Janeiro, 97 — GUIMARÃES
GALERIA DE ARTE Telefone n.º 216
Executa com a máxima perfeição amplia-
ções em todos os tamanhos.
Acabamentos em trabalhos de amadores e
todos os serviços concernentes a esta arte.

Marca da Fábrica
SILVA: MARCA
5
GUIMARÃES
Registada
Endereço telegráfico:
SILVA 5-Guimarães

FÁBRICA DE CUTELARIAS: SILVA MARCA-5
A MELHOR DE PORTUGAL
Fundada em 1882
Premiada em tôdas as exposições a que tem concorrido
José Francisco da Silva, Filho & Genro
MIRADOURO — GUIMARÃES